

“Vi a miséria do meu povo” (Ex 3,7) que está na Galileia. A importância de Cafarnaum e Tiberíades em Jo 6

“I saw the misery of my people” (Ex 3.7) who are in Galilee. The importance of Capernaum and Tiberias in John 6

Gilvan Leite de Araújo
Pontifícia Universidade de São Paulo (PUC-SP), Brasil

Resumo

A narrativa da Multiplicação dos Pães compreende todo o sexto capítulo do Quarto Evangelho. A narrativa descreve o evento entre Cafarnaum e Tiberíades, duas cidades costeiras do Mar da Galileia. Sendo Cafarnaum o centro da atividade missionária de Jesus Cristo. Causa surpresa o autor do Quarto Evangelho mencionar a nova capital da Galileia, ou seja, a cidade de Tiberíades recentemente inaugurada e recebendo rejeição por parte dos judeus devotos. Este estudo pretende apresentar algumas características das duas cidades e do mar à época de Jesus Cristo e respectiva importância para a sua atividade missionária.

Palavras-chave

Mar da Galileia.
Cafarnaum.
Tiberíades.
Quarto Evangelho.

Abstract

The Bread Multiplication narrative comprises the entire sixth chapter of the Fourth Gospel. The narrative describes the event between Capernaum and Tiberias, two coastal cities on the Sea of Galilee. Capernaum being the center of the missionary activity of Jesus Christ. It is surprising that the author of the Fourth Gospel mentions the new capital of Galilee, that is, the city of Tiberias recently inaugurated and receiving rejection from devout Jews. This study aims to present some characteristics of the two cities and the sea at the time of Jesus Christ and their importance for their missionary activity.

Keywords

Sea of Galilee.
Capernaum.
Tiberias.
Fourth Gospel.

Introdução

O Quarto Evangelho apresenta Jesus peregrinando três vezes à Jerusalém para a celebração da Páscoa. Este fato situa bem a cronologia de

Jesus, que, tecnicamente, desenvolve sua atividade pública num período de três anos.¹ As narrativas da Multiplicação dos Pães e da Caminhada sobre as Águas acontecem durante a descrição da segunda Páscoa Judaica desenvolvida durante o sexto capítulo. Segundo Moloney, este capítulo do Evangelho de João é uma coerente narrativa cristã cuidadosamente articulada, que reflete sobre Jesus e sobre a Páscoa Judaica.²

Os quatro evangelhos abordam a narrativa da multiplicação dos pães realizada por Jesus (Mt 14,13-21; 15,32-39; Mc 6,30-44; 8,1-10; Lc 9,10-17; Jo 6,1-71). Esta é uma das ações realizadas por ele que permaneceu impressa no coração das comunidades.

Mateus e Marcos apresentam duas narrativas respectivamente sobre o mesmo tema, tendo como ponto de partida a ideia da “compaixão” (σπλαγχνίζομαι: Mt 14,14; 15,32; Mc 6,34; 8,2) de Jesus pela multidão que o segue, pois são vistas por ele como “*ovelhas sem pastor*” (Mc 6,34). Outra característica das narrativas é o pedido dos discípulos para despedir a multidão diante da falta de comida, o que leva à multiplicação dos pães e peixes a partir daquilo que possuem. Leva-se em conta, ainda, que as narrativas da Multiplicação dos Pães presentes nos quatro Evangelhos ocorrem na região da Galileia. Contudo, os quatro Evangelhos não descrevem diretamente o local. As narrativas de Mateus e Marcos (Mt 14,13-21; 15,32-39; Mc 6,30-44; 8,1-10) apenas indicam proximidades com o Mar da Galileia. Lucas descreve que o milagre ocorreu próximo de Betsaida (Lc 9,10-17). Por sua vez, o Quarto Evangelho situa o milagre próximo de Tiberíades (Jo 6,23) e a caminhada sobre as águas entre Tiberíades e Cafarnaum (Jo 6,24). Leva-se em conta que o lago que separa as duas cidades no Quarto Evangelho é chamado diretamente de Mar da Galileia e de Tiberíades (Jo 6,1). Este é um elemento importante para uma análise sociológica do tema da multiplicação dos pães e da caminhada sobre as águas

Independente da questão exegética e dogmática nos embates católico-evangélicos, a narrativa da Multiplicação dos Pães expressa uma

¹ Estudiosos, como Paul N. Anderson e James H. Charlesworth, têm utilizado este fato como um dos fundamentos para o conceito de historicidade do Quarto Evangelho.

² MOLONEY, F.J. *Il Vangelo di Giovanni*. Leumann: Editrice Elledici, 2007, p. 169.

problemática social que fere as prerrogativas da Lei instituída no Sinai (Ex 24). De fato, evidencia a realidade de parte do Povo Eleito (população da Galileia), que se tornara excluído, vivendo numa situação de extrema miséria.

A população da Galileia era composta por uma complexa relação de etnias, configurando-a, pelos judeus de Judá, como uma população não somente heterodoxa, mas indesejável (cf. 7,41.49) apesar de muitos judeus migrarem para a Galileia em busca de trabalho, como é o caso de José, esposo de Maria. A construção da narrativa de João 6 descreve ambientes, teologia e pessoas que permitem compreender a existência de diversos grupos e correntes teológicas que formam a Palestina no Tempo de Jesus.

Herodes Antipas recebeu o território, Galileia e Pereia, como herança, após a morte do pai Herodes, O Grande. A sua região era dividida em duas partes pela chamada Decápole³ que foi governada por ele de 04 a.C. a 39 d.C. A população da Galileia é descrita como vigorosa, corajosa e amante da liberdade. Neste sentido, Herodes Antipas é descrito como um verdadeiro filho de Herodes, O Grande, porque era astuto, ambicioso e amante da grandeza, não por menos chamado de “raposa” por Jesus (Lc 13,32), possuindo as qualidades necessárias para manter a Galileia sob controle e protegendo as fronteiras⁴, principalmente contra a ameaça nabateia.

A narrativa de Jo 6

O Quarto Evangelho situa Jesus em três celebrações da Páscoa Judaica (Jo 2,13; 6,4 e 11,55). Na primeira (2,13) e na terceira narrativa (11,55) a celebração é expressa em termos de purificação do Templo e da cerimônia de lava-pés e na cidade de Jerusalém, enquanto, a segunda narrativa (6,4) situa Jesus na Galileia entre Tiberíades e Cafarnaum. Chama a atenção, na segunda narrativa, o fato de uma grande multidão faminta e não peregrinando para Jerusalém. Existia obrigatoriedade de todo “hebreu” subir a Jerusalém para

³ SCHÜRER, E. *Storia del Popolo Giudaico al Tempo di Gesù Cristo*. Vol. I. Brescia: Paideia Editrice, 1985, p. 423-424.

⁴ SCHÜRER, 1985, p. 424.

as três grandes festas para se apresentar diante de Deus (Páscoa, Pentecostes e Tendias: Ex 23,14.17; 34,23 Dt 16,16-17).

Neste sentido, qual seria motivo de uma grande multidão se encontrar na Galileia quando está próximo da Páscoa? Leva-se em conta que as prescrições de Êxodo e Deuteronômio apresentam outra prerrogativa, ou seja, nenhum homem pode comparecer diante de Deus de mãos vazias (Ex 23,15.19; 34,26; Dt 16,16-17).

Jesus, antes da segunda narrativa da Páscoa, está diante de uma multidão faminta e sem nada para oferecer a Deus. A narrativa deixa transparecer uma situação social de miséria no qual se encontra “uma grande multidão”. Tendo a terra sido dada, a fidelidade à Lei se torna garantia de fartura e segurança (cf. Dt 6) o que permitiria, durante as peregrinações à Jerusalém, todo hebreu levar os produtos da terra para depositar diante de Deus, como reconhecimento das graças obtidas (terra e frutos da terra).

A narrativa da Multiplicação dos Pães põe em evidência que este conceito não está sendo praticado, mas exatamente, a Lei não está sendo cumprida, pois o povo de Deus passa fome e vive na miséria. Portanto, a narrativa descreve um escândalo que sobe aos céus.

Características Exegéticas de Jo 6

A narrativa de Jo 6 é bem delimitada entre os capítulos 5 e 7. A fórmula de transição “meta, tau/ta” serve de delimitação entre os dois capítulos. Além disso, a mudança espacial através da indicação geográfica serve de passagem entre os capítulos 5 e 6; em Jo 5 (Jerusalém/Galileia), e entre os capítulos 6 e 7 (Galileia/Jerusalém). O deslocamento espacial revelado entre os capítulos 5 a 7 levou muitos estudiosos a considerarem o capítulo 6 como uma glosa ou texto deslocado, justamente por causar desta discrepância geográfica⁵ (Jerusalém-Galileia-Jerusalém).

Em todo caso, os três capítulos situam Jesus em celebrações festivas de Israel. No capítulo 5 Jesus se encontra numa festa, não designada pelo

⁵ BEUTLER, J. *Evangelho segundo João. Comentário*. São Paulo: Loyola, 2016, p. 138; MOLONEY, 2007, p. 168.

autor. Muitos estudiosos tentam, ineficazmente, designá-la como uma festa de Pentecostes, mas não existe nenhum fundamento para tal dentro da construção da narrativa e dentro da teologia joanina⁶. No capítulo 6, Jesus se encontra na Galileia, as vésperas da festa da Páscoa e, no capítulo 7, Jesus retorna da Galileia para Jerusalém para participar da Festa das Tendias.

Os quatro primeiros versículos fornecem o “*pano de fundo*” no qual se desenvolverá todo o capítulo 6, ou seja, a celebração da Páscoa Judaica, cujo elementos históricos são brevemente descritos (saída do Egito, travessia do mar e subida ao monte).⁷

A narrativa da Multiplicação dos Pães em João pode ser dividida do seguinte modo: introdução (6,1-4); a multiplicação dos pães (6,5-15); Jesus caminha sobre as águas (6,16-21); grande discurso sobre o pão da vida (6,22-66) e conclusão (6,67-71). Além disso, a narrativa abrange dois dias (6,1-21 = 1º dia e 6,22-71 = 2º dia). Os vv. 5-15 situam os acontecimento durante o dia e os vv. 16-21, durante a noite. Os atos contidos na narrativa do segundo dia (6,22-71) ocorrem totalmente durante o dia.⁸

Os quatro primeiros versículos apresentam uma síntese do contexto celebrativo da Páscoa, ou seja, a saída do Egito, a travessia do mar, chegada ao Sinai e subida da montanha. A libertação dos hebreus da terra do Egito surge quando Deus contempla a situação do seu povo: “*Eu vi, eu vi a miséria do meu povo que está no Egito. Ouvei o seu clamor por causa dos seus opressores*” (Ex 3,7). O versículo expressa uma situação de miséria social causada pela opressão, na qual Deus se posiciona a favor do oprimido, vindo em seu socorro.

Assim como Deus vê a miséria do seu povo e vem em seu socorro, Jesus se posiciona do mesmo modo ao agir como Moisés. Na perspectiva do Êxodo, a libertação pressupõe uma Aliança (Ex 19), na qual fica estabelecida

⁶ As Festas Judaicas no Quarto Evangelho seguem a orientação da Torá de Ezequiel (Ez 40-48), que trata do novo Templo e no qual a festa de Shavuot deixa de existir (cf. Ez 45,18-25). A festa de Shavuot, à época de Jesus, era uma festa agrícola que se mantinha próxima à Sinagoga devido ao seu caráter popular [cf. ARAUJO, G.L. A Festa de Shavuot - Pentecostes. *Atualidade Teológica*, v. 19, 2015, p. 310-329].

⁷ MATTEOS, J.; BARRETO, J. *O Evangelho de São João*. São Paulo: Paulus, 1999, p. 297.

⁸ Cf. MARCHESELLI, M. *Studi sul Vangelo di Giovanni*. Testi, temi e contesto storico. Roma: Gregorian & Biblical Press, 2016, p. 12; KIM, S.S. The Christological and Eschatological Significance of Jesus' Passover Signs in John 6. *Bibliotheca Sacra* 164, 2007, p. 311.

uma pertença, assegurada juridicamente pela Lei (Ex 24). Neste contexto, o sair da terra da escravidão tem em vista subir para a terra de libertação: “*Por isso desci a fim de libertá-lo da mão dos egípcios, e para fazê-lo subir daquela terra a uma terra boa e vasta, terra que mana leite e mel*” (Ex 3,8).

O escândalo apresentado pela narrativa de Jo 6 está exatamente no fato deste povo eleito estar numa situação de miséria e opressão, como se encontravam quando eram escravos no Egito.

A ambientação e os personagens auxiliam na construção da narrativa, situando-a na Galileia entre as cidades de Tiberíades e Cafarnaum. Os personagens envolvidos nos dois milagres descrevem características próprias que iluminam a narrativa.

Tiberíades e Cafarnaum

As cidades de Tiberíades e de Cafarnaum, situadas às margens do Lago de Genesaré, servem de ambientação para as narrativas da multiplicação dos pães e da caminhada sobre as águas. A primeira, como nova capital helenizada. A outra, como fronteira.

a) Tiberíades

Essa cidade recebeu esse nome em homenagem ao imperador Tibério e, à época de Jesus, era recém-construída e foi inaugurada por volta do ano 18 ao 20 d.C., como capital da Galileia, por Herodes Antipas, substituindo a antiga capital Séforis⁹, sendo descrita apenas uma vez no Novo Testamento em Jo 6,23. Curiosamente, esse autor irá denominar o Mar que margeia a nova capital de “Mar da Galileia de Tiberíades” (Jo 6,1). Enquanto o autor do último capítulo irá designá-lo diretamente como “Mar de Tiberíades” (Jo 21,1).

⁹ CYTRYN-SILVERMAN, K. Tiberias, from its foundation to the end of the early Islamic period. *Galilee in the late second Temple and Mishnaic periods*. Vol. 2. Minneapolis: Fortress Press, 2015, p. 186.

A cidade de Tiberíades encontrou forte rejeição por parte dos judeus devotos, pois fora construída sobre um antigo cemitério (*Ant.Jud.* 18,38), portanto, passou a ser considerada uma cidade impura. Outro fator era o seu caráter puramente helenístico.¹⁰ De fato, Flávio Josefo a descreve como uma típica *polis* grega na sua forma de governo cuja população era formada por judeus, galileus, gentios, pobres e ricos.¹¹ Leva-se em conta que João Batista, provavelmente, tenha sido encarcerado nesta cidade (cf. Lc 13,32; Mc 6,14-29), apesar do silêncio que os Sinóticos guardam a este respeito. Uma das seguidoras de Jesus, Joana, a mulher de Cuza, procurador de Herodes, também era de Tiberíades.

A cidade é nominada uma única vez no Novo Testamento, após a multiplicação dos pães (cf. Jo 6,23)¹² e, por duas vezes, o Mar da Galileia é designado pelo nome da cidade “Mar da Galileia de Tiberíades/Mar de Tiberíades (6,1; 21,1)¹³. Apesar de ser nominada uma única vez, ela desempenha importante papel no Novo Testamento enquanto capital da Galileia e uma das nove cidades às margens do Mar da Galileia e que continua existindo até os tempos atuais e se tornará, a partir do segundo século d.C., um dos principais centros do judaísmo rabínico. De fato, junto com Jerusalém, Hebron e Séforis, Tiberíades foi, mais tarde, considerada pelos judeus, uma das quatro cidades sagradas da Terra Santa.¹⁴

Herodes Antipas escolheu o lugar para a edificação da nova capital, devido à centralidade que ela ocupava dentro da sua tetrarquia e, também, pela proximidade com a região da Pereia. Na parte norte de Tiberíades encontra-se a planície de Genesaré, a região agrícola mais fértil e produtiva da Palestina durante o período do NT, situada entre as cidades de Magdala e Cafarnaum, conhecida como o “Jardim da Palestina”. O novo local tinha recursos adicionais relacionados à topografia da área, ao clima e ao próprio mar. Nela, era produzida uma grande variedade de frutas, incluindo figos,

¹⁰ SCHÜRER, 1985, p. 424-425.

¹¹ DEVRIES, L.F. *Cities of the Biblical World*. Massachusetts: Hendrickson Publishers, 1997, p. 327.

¹² DEVRIES, 1997, p. 325.

¹³ THIEDE, C.P.; JUDGE, E.A. Tiberiade. *Grande Enciclopedia del Nuovo Testamento*, v. 3, p. 444.

¹⁴ DEVRIES, 1997, p. 325.

uvas, melões, trigo, arroz, azeitonas e nozes, bem como vegetais, grãos e castanhas. Igual importância tinha o Mar da Galileia que abrigava uma próspera “indústria” pesqueira. De fato, a grande variedade de peixes tornava a atividade pesqueira o esteio da economia de muitas cidades, incluindo Cafarnaum, Magdala e Tiberíades.¹⁵

b) Cafarnaum

A antiga cidade de Cafarnaum (*Kēfar Nahum*), ou Vila/Aldeia de Naim, está localizada na costa noroeste do Mar da Galileia a uns quinze quilômetros ao norte da cidade de Tiberíades.¹⁶

A cidade de Cafarnaum estava localizada às margens do lago de Genesaré e fazia fronteira entre as regiões de Filipe e de Herodes Antipas, configurando-a como cidade fronteiriça e possuidora de alfândega (cf. Mt 9,9). O *status* de maior centro do governo romano na Palestina, também é indicado pela presença de tropas romanas. Tropas e oficiais romanos eram mantidos constantemente alocados nesta cidade (Mt 8,5; Lc 7,2).¹⁷ Além disso, era, ao mesmo tempo, a maior cidade da Galileia e o mais importante centro no entorno do perímetro do mar da Galileia.¹⁸

Cafarnaum era o maior centro populacional e comercial da costa noroeste do Mar da Galileia e uma das mais empreendedoras e promissoras cidades da indústria pesqueira. Além disso, ela abrigava a produção e a manutenção de embarcações e redes para pesca.¹⁹

A cidade também possuía os mesmos privilégios agrícolas de Tiberíades, como citado acima. Somando a atividade agrícola com a atividade pesqueira, a cidade de Cafarnaum desempenhava importante papel na atividade comercial, favorecida, principalmente, pela sua posição geográfica, localizada na rota comercial internacional que situava a Palestina entre Egito,

¹⁵ DEVRIES, 1997, p. 326-327.

¹⁶ MATTILA, S.L. Capernaum, Village of Nahum, from Hellenistic to Byzantine Times. In: FIENSY, D.A.; STRANGE, J.R. (org.). *Galilee in the late second Temple and Mishnaic periods*. v. 02. Mineápolis: Fortress Press, 2015.

¹⁷ VAN DEN BORN, A. Cafarnaum. *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*. Petrópolis: Vozes, 1971, p. 221.

¹⁸ DEVRIES, 1997, p. 270.

¹⁹ DEVRIES, 1997, p. 269.

Síria e Mesopotâmia. Isto significava intenso movimento de caravanas circulando pela cidade. Cafarnaum tornou-se um porto de entrada e posto alfandegário do governo romano e um importante centro de transações e comércio na Galileia. Este papel se reflete na história do chamado de Levi (Mt 9,9), o cobrador de impostos, que se tornou discípulo de Jesus.²⁰

Tais características podem ter sido o motivo pelo qual Jesus escolheu essa cidade como centro de sua missão (cf. Mt 4,13; 9,1). A maior parte da atividade pública de Jesus ocorre na Galileia (cf. Mt 4,12; Mc 1,14; Lc 4,14). Os textos evangélicos deixam transparecer que Jesus se move de Nazaré, sua cidade natal, para Cafarnaum, a cidade Pedro, André, Tiago e João, os primeiros discípulos (cf. Mt 4,18-22) e a assume como sua moradia (cf. Mt 4,13; Mc 2,1), onde ensinava e curava na Sinagoga (Mc 1,21). Diversas outras atividades ali foram realizadas, como a cura da sogra de Pedro e diversas outras pessoas (Mc 1,29-31.32-34; 2,1-12).²¹

No Quarto Evangelho, Jesus se dirige com sua mãe e “irmãos” para Cafarnaum, logo após as Bodas de Caná (2,12). Nesta cidade reside o filho do funcionário real, curado por Jesus (4,46). Apesar de ter sido palco de muitas das atividades de Jesus, esta cidade não produziu frutos significativos, motivo pelo qual Jesus a condena emitindo o seu juízo, segundo o qual, o seu julgamento será rigoroso e ela será lançada ao inferno por não ter acreditado nos milagres que nela se realizaram (Mt 11,23-24; Lc 13-15).²²

c) *Mar da Galileia e de Tiberíades (Jo 6,16-21; 21,1-14)*

A expressão “Mar da Galileia e de Tiberíades” é típica da tradição joanina, em referência ao Lago de Genesaré (Lc 5,1) cujo nome é proveniente da homônima cidade. A tradição veterotestamentária identifica como “mar de Quineret” (Nm 34,11; 3,17; Js 12,3; 13,27). Mateus e Marcos preferem designá-lo como “Mar da Galileia” (Mt 4,18; 15,29; Mc 1,16; 7,31) ou simplesmente “mar” (Mt 8,26.32; Mc 4,39; 5,13). Lucas, no entanto, como

²⁰ DEVRIES, 1997, p. 269.

²¹ DEVRIES, 1997, p. 270.

²² MITCHELL, T.C. Cafarnaum. *Grande Enciclopedia Illustrata della Bibbia*. Torino: Piemme 1997, vol. 1, p. 230-231.

escreve para um público fora da Palestina, prefere manter a expressão “lago” (Lc 5,1s; 8,22s.33), pois, de fato, apesar de ser chamado de “mar” o Lago de Genesaré é uma grande reserva de água doce. A referência joanina de 25 ou 30 estádios indica exatamente o meio e o ponto mais profundo do lago da parte norte. Devido a sua posição geográfica, a região onde se encontra o lago de Genesaré, durante o verão, pode sofrer grandes variações climáticas o que implica em forte ventanias e, portanto, agitação das águas, formando ondas altas (Mt 8,24; Mc 4,37; Lc 8,23; Jo 6,18). O mais perigoso é, no entanto, o chamado, em árabe, vento *sarkiye*, um vento proveniente do oriente (Mt 14,22-24; Mc 6,45-48) que ocorre principalmente no período da Páscoa (março/abril: Mc 6,39; Jo 6,4).²³

O uso joanino segue o padrão dos textos escritos para a Palestina, diferente de Lucas que prefere uma adequação para o público gentio. Adotando a expressão “mar da Galileia e de Tiberíades” o autor aproxima as realidades da Galileia, ligado ao povo trabalhador e Tiberíades, capital política da Galileia. Também aproxima duas realidades: a tradição semita da Galileia e a influência helênica, vinculada à capital, Tiberíades. Isto confere aproximação entre a realidade dos trabalhadores e, mais ainda, uma população pobre em situação de miséria e uma capital cosmopolita, como sede de poder.

Tal fato poderá ser percebido nas figuras de Filipe e de André, quando se observa o posicionamento dos dois discípulos diante da realidade de fome do povo.

Considerações finais

Durante sua atividade missionária na Galileia, pode-se observar Jesus no entorno do Mar da Galileia. Tal característica situa Jesus atuando em centros de intensa atividade urbana e, portanto, diante das realidades sócias, econômicas e políticas pertinentes aos homens e mulheres aos quais ele se dirige. Pode-se concluir isso por meio da análise dos primeiros discípulos que

²³ REISNER, R. Lago di Genezaret. *Grande Enciclopedia Illustrata della Bibbia*. Torino: Piemme, 1997, vol. 2, p. 26-27.

se encontram na rotina de trabalho ao serem chamados para acompanhar Jesus, como descrito nos Sinóticos (cf. Mt 4,18-19; Mc 1,16-20; Lc 5,1-11).

A atividade missionária de Jesus atinge pessoas de diversas classes sociais e diversas etnias. Pode-se destacar Joana, a mulher de um alto funcionário, um funcionário real, Maria Madalena, mulher descrita com posses, ou Nicodemos, uma das lideranças farisaicas, como exemplos de personagens proeminentes da sociedade que se aproximam dele. O grupo dos seguidores de Jesus, portanto, é formado por pessoas de diversas classes sociais. Além das classes sociais se pode fazer menção à variedade de etnias que se aproximam de Jesus, que abrange judeus, samaritanos e galileus, bem como a menção a gregos como imagem dos gentios que acolhem a novidade.

Esta complexidade de classes sociais e etnias são importantes fatores para a compreensão da narrativa do Quarto Evangelho, evitando certos conceitos equivocados de antijudaísmo ou antisemitismo joanino e fornecendo base para certas expressões, como por exemplo, “festa dos judeus” (Jo 5,1), algumas vezes utilizada como justificativa de que o texto teria sido escrito para o universo gentílico e, portanto, seria um expediente explicativo.

Aproximando as ideias principais, Mar da Galileia e de Tiberíades, progressivamente bifurcando para Mar de Tiberíades pode-se compreender a concepção de um processo de universalismo. Neste sentido, a Multiplicação dos Pães, a Caminha sobre as Águas (Jo 6) até a Pesca Milagrosa (Jo 21) evoca a novidade da “Terra Prometida”.

Cafarnaum e Tiberíades descrevem a realidade de cidades importantes e ricas, com toda a infraestrutura que cidades cosmopolitas exigem, mas, o “outro lado da moeda” apresenta uma massa de gente excluída em situação agonizante de miséria. A Multiplicação dos Pães e a Caminhada sobre as Águas operadas por Jesus denunciam tal realidade de abandono social e propõe um novo caminho, abre nova possibilidade não encontrada na rica Galileia por aqueles que para lá migraram (judeus e gentios) em busca de uma vida melhor. Tiberíades e Cafarnaum marcam a realidade de tanta fartura e tanta miséria.

O caminho para a Terra Prometida foi um processo de transformação. A narrativa de João 6, com foco nas duas principais cidades da Galileia expõe a necessidade de uma transformação social, segundo a proposta do Êxodo, conforme narra o rito da Festa de Pentecostes no Livro do Deuteronômio: “os egípcios, porém, nos maltrataram e nos humilharam, impondo-nos uma dura escravidão... Gritamos então a lahweh, Deus dos nossos pais, e lahweh ouviu a nossa voz: viu nossa miséria, nosso sofrimento e nossa opressão. E nos trouxe a este lugar, dando-nos esta terra, uma terra onde mana leite e mel... E agora, eis que trago as primícias dos frutos do solo que tu me deste, lahweh” (cf. Dt 26,6-10).

No Quarto Evangelho, grandes e pequenos, pobres e ricos, israelitas e estrangeiros, homens e mulheres, se aproximam de Jesus. Contudo, enquanto os pequenos o assumem verdadeiramente, os poderosos se mantêm à distância, pois “creram nele, mas... não o confessavam... pois amaram mais a glória dos homens do que a de Deus” (12,42-43).

Referências

ARAUJO, G.L. A Festa de Shavuot - Pentecostes. *Revista Atualidade Teológica*, v. 19, n. 02, 2015, p. 310-329.

BEUTLER, J. *Evangelho Segundo João*. Comentário. São Paulo: Loyola, 2016.

CYTRYN-SILVERMAN, K. Tiberias, from its foundation to the end of the early Islamic period. FIENSY, D.A.; STRANGE, J.R. (org.). *Galilee in the late second Temple and Mishnaic periods*. v. 2. Minneapolis: Fortress Press, 2015, p. 186-210.

DEVRIES, L.F. *Cities of the Biblical World*. Massachusetts: Hendrickson Publishers, 1997.

MARCHESELLI, M. *Studi sul Vangelo di Giovanni*. Testi, temi e contesto storico. Roma: Gregorian & Biblical Press, 2016.

MATTEOS, J.; BARRETO, J. *O Evangelho de São João*. São Paulo: Paulus, 1999.

MATTILA, S.L. Capernaum, Village of Nahum, from Hellenistic to Byzantine Times. FIENSY, D.A.; STRANGE, J.R. (org.). *Galilee in the late second Temple and Mishnaic periods*. v. 02. Mineápolis: Fortress Press, 2015, p. 217-257.

MITCHELL, T.C. Cafarnaio. *Grande Enciclopedia Illustrata della Bibbia*. v. 01. Torino: Piemme, 1997.

MOLONEY, F.J. *Il Vangelo di Giovanni*. Leumann: Elledici, 2007.

REISNER, R. Lago di Genezaret. *Grande Enciclopedia Illustrata della Bibbia*. v. 02. Torino: Piemme, 1997.

SCHÜRER, E. *Storia del Popolo Giudaico al Tempo di Gesù Cristo*. v. I. Brescia: Paideia Editrice, 1985.

THIEDE, C.P.; JUDGE, E.A. Tiberiade. *Grande Enciclopedia del Nuovo Testamento*. v. 3. Torino: Piemme, 1997.

VAN DEN BORN, A. Cafarnaum. *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*. Petrópolis: Vozes, 1971.

Trabalho submetido em 30/09/2020.
Aceito em 08/04/2021.

Gilvan Leite de Araújo

Doutor em Teologia Bíblica pelo Angelicum de Roma e Professor do Programa de Estudos Pós-Graduados da PUC-SP. Sacerdote da Diocese de Osasco-SP. Email: glaraujo@pucsp.br